

# Elementos para uma abordagem transdisciplinar do Gnosticismo

Gustavo Korte

## 1 – Introdução

Nos primórdios da era cristã, o mundo ocidental, incluídos por extensão cultural a Grécia e a Magna Grécia, a Ilíria, a Macedônia, as colônias Jônicas da costa mediterrânea, a Judéia, a Síria, o Egito e o Norte da África, estava submetido política e militarmente a Roma.

As conquistas do Império Romano, todavia, não conseguiram sufocar a intelectualidade que se exteriorizava a partir de Alexandria. Tornada, desde o século III a.C., um centro de atividades culturais, a cidade inicialmente regida por Ptolomeu I, Soter, recebia visitantes de todo o mundo, especialmente da Grécia, da Jônia, do Oriente Médio e também de Roma.

A biblioteca de Alexandria, cujo acervo sofreu grandes perdas com a propagação do incêndio ocorrido no fragor da batalha entre as forças de Júlio César e as de Ptolomeu XIII, irmão de Cleópatra VII, conseguiu ver salvada do fogo uma parte de seus tesouros. E também não perdeu, por esse acidente, sua condição de liderança nas áreas do saber. Sabe-se que o fogo foi provocado pelos romanos, visando destruir a esquadra ancorada no porto.

Os povos colonizados pelos romanos, todavia, ansiavam pelo surgimento de líderes político-militares locais que os desonerassem do jugo imperial. Em defesa dos interesses de Roma, o SPQR<sup>1</sup>, sigla do Senado do povo romano, fazia-se impor por suas legiões, cujo poder de intervenção e controle era temido pela intensidade da força e pela crueldade das respostas na repressão aos revoltosos.

O mito do Salvador Imbatível respondia à ansiedade coletiva do período.

*Essa observação corrobora a afirmativa de que as sociedades humanas são integradas por raízes míticas, místicas e mitológicas. Quando essas raízes não são pessoais ou de natureza estritamente subjetivas, podem ser identificadas por sua origem na comunidade. São formadas por mediação de usos, costumes e tradições que integram a memória do contexto social. Cada um de nós aceita e acolhe como crenças fundamentadas e verdadeiras certas narrativas históricas de cunho místico, mitológico ou religioso referentes às origens do universo, do mundo, do planeta e de nós mesmos.*

*Os juízos, que nos advém pelo racionalismo e empirismo, deixam subsistir, irresolutas, incontáveis dúvidas e perquirições pertinentes às origens e causas de existir, quer do indivíduo quer do universo. Daí que, em estado de consciência, nos tornamos carentes de informações que excedem os níveis de realidade empírica e racional.*

*Uma angústia intelectual, de natureza íntima e pessoal, nos leva a reconhecer a existência de um nível de realidade mística, integrado por espaços de imagens difusas, formadas por movimentos de sombras e névoas. É usual percebê-lo, tanto pela negação enfática dos céticos quanto pelas afirmações crédulas dos que, conscientemente, fazem do misticismo sua razão de vida<sup>2</sup>.*

## 2 – Das fontes e documentos de informação

Podemos distinguir, para uma fixação dos princípios que regerão esta abordagem, as fontes de informações em relação às suas origens nacionais ou étnicas.

Assim parece-nos válido identificar, quanto às origens, as seguintes fontes:

<sup>1</sup> SPQR: Senatus Populusque Romanus

<sup>2</sup> KORTE, G. *Metodologia e Transdisciplinaridade*. São Paulo: Ed. Juarez de Oliveira, 2006.

1. **origem egípcia**
2. **origem mesopotâmica**
3. **origem judaica**
4. origem persa
5. origem indu
6. origem chinesa
7. **origem grega**
8. origem africana
9. **origem americana**
10. origem australo-polinésica

### **3 – Significados de místico, mítico, sagrado e religioso.**

Esses quatro vocábulos pertencem á categoria gramatical dos adjetivos, mas, ainda que apresentem muitos atributos comuns, não aportam estritamente o mesmo significado.

Há escritos que sugerem a utilização de diferentes caminhos para a abordagem do conhecimento. A cautela recomenda seguir por trilhas já existentes. Cortar caminhos, assim como queimar etapas, nem sempre traz vantagens. O tempo exigido para que nossas experiências sejam melhor aproveitadas parece estar ligado a determinadas condições que fazem prevalecer a obediência ao ciclo natural das coisas e ao tempo necessário para que elas sejam completadas.

Muitas vezes ocorre que nem mesmo as trilhas já abertas nos levam ao objetivo programado. Há momentos em que nos sentimos confusos e, então, céticos, tangidos pela ação do livre arbítrio, reunimos algumas das crenças registradas em nossa memória, seja pessoal ou coletiva, e nos lançamos às aventuras do intelecto percorrendo caminhos que nos parecem originais e mais compatíveis com nossos propósitos. Por isso nos parece essencial, além do acurado rigor no emprego e manejo das palavras, também questionar os fundamentos a partir dos quais serão processados o reconhecimento e a identificação da natureza, da origem e do objeto das investigações.

Essa cautela cética traz implícita a idéia de que o reconhecimento importa em re-identificação de fatos e fenômenos cujos parâmetros existem e persistem dentro de nós, ou seja, embute a crença de que as novas informações estão codificadas de alguma forma em nossa memória, seja pessoal seja coletiva..

O reconhecimento nos induz à observação de que ocorre um deslocamento das formas de percepção intelectivas para os elementos que integram o passado. Ou seja, torna-se viável aceitar, por esse entendimento, a possibilidade de regressão. Tendo em vista o impulso pragmático, gerador de muitos dos embalos que nos animam a processar de idéias, é também anunciada a possibilidade de revelação de alguns dos fatos que ocorrerão no futuro.

Apoiadas nessa crença ficam abertas as perspectivas de deslocamentos por mediação dos quais poderemos, mentalmente, avançar e recuar no eixo dos tempos. Daí que, o processo cognitivo traz implícita a possibilidade contida na idéia de um *tempo de avanço* e de um *tempo de regresso*. Ainda mais, nos leva a supor que o passado, o presente e o futuro não se tornam necessários mas são apenas contingentes.

Reconhecer é conhecer de novo, rever, restabelecer ligações, quer tenham ou não sido vivenciadas, mas que, de alguma forma, tenham sido registradas nos campos de memória a partir dos quais são abastecidos os processos mentais.

Subjetivamente, poderemos, a partir dessas observações, condicionar nossas mentes às possibilidades de viagens intelectivas que tenham por parâmetros as noções intuitivas de espaço, tempo, matéria e energia. Também sugere que esses movimentos se tornem possíveis

por meio de abstrações, tanto mais puras quanto distantes da realidade sensível. Por isso, somos levados a acreditar na possibilidade de *pensar fora das noções espaço, tempo, matéria e energia*.

O senso comum reconhece no verbete *misticismo* diferentes significados. Como substantivo, o verbete designa a idéia ou conjunto de idéias aceitas ou adotadas a partir de crenças ou doutrinas religiosas, desvinculadas da lógica e da razão. Refere-se, de forma substantiva, ao *caminho místico* sugerido por qualquer doutrina. Usualmente, místico revela-se, como adjetivo, na postura própria de crenças dirigidas ao sobrenatural, ou seja, ao que supostamente escapa à realidade de provas e experimentações sensíveis.

Entende-se por misticismo um dos caminhos que podem levar ao conhecimento. Traduz-se por uma postura religiosa (ou filosófica), que considera a existência do Sagrado, bem como a possibilidade efetiva de comunicação entre os devotos e as divindades. De fato, misticismo e religiosidade têm muitos pontos em comum.

*Na transdisciplinaridade o misticismo liga-se ao conceito do que é sagrado, do que transcende o que é material e racional. A postura transdisciplinar sugere que o conhecimento é sagrado e merece respeito e veneração, pois é o que propicia a transcendência de limites nas formulações racionais e empíricas, como geradoras do que supomos sabedoria..*

Quando procuramos processar idéias adotando revelações que aparentemente não têm vínculos com as noções intuitivas fundamentais de espaço, tempo, matéria e energia, percebemos que as noções de passado, presente e futuro deixam de ser condicionantes. Ficam, então, desfiguradas as situações relativas à nossa própria existência, emergindo uma relação mais forte com o que designamos compreensão holística do Universo.

E, nesse momento, passamos a entender que *mistério é a verdade ainda não revelada*. Parece lógico que há mistérios pessoais e mistérios coletivos, há verdades reveladas a uns e não a outros. Há verdades reveladas a pessoas e que, para outras, continuam sendo mistérios.

*Minhas leituras me fazem crer que o poder de realizar deslocamentos no eixo dos tempos está incluído em nossos recursos pessoais. É certo que, para ser bem sucedido nessa empreitada, estarei sujeito ao que designamos processos de aprendizagem. Os procedimentos e rituais que devem ser atendidos para processar esses avanços e recuos temporais ainda não me foram revelados,. Por isso, para mim, ainda são mistérios.*

*Vislumbro, nessa minha crença pessoal, constrangimentos empíricos e racionais emergentes da insuficiência de informações e argumentos que justifiquem, de forma cabal, a possibilidade de viajar pelo tempo. Assim, para mim, a adoção dessa crença como verdadeira assume características pessoais e subjetivas. Daí porque acredito que essa forma de pensar pode tornar-se uma verdade quando forem revelados (ou descobertos) os mistérios que a envolvem. Parece-me indispensável um processo de aprendizagem, que poderá ser vivenciado e exercido pela experiência dos que se tornarem meus hierofantes, pelas leituras e ainda, pelo exercício das demais formas de percepção.*

*A intuição me sinaliza caminhos pelos quais poderei avançar ou regressar com um mínimo de segurança intelectual e objetividade. Importa, preliminarmente, investigar se os que utilizaram o misticismo para alcançar a intentada capacidade pessoal de progressão e regressão chegaram, de fato, até onde relatam ou se e tão somente, agiram nos campos do imaginário.*

O verbete *místico* se refere, portanto ao que está apoiado e relacionado a *mistérios*, ou seja, às verdades não reveladas.

Nos processos cognitivos tais verdades são assimiladas a partir de *revelações*, de *descobrimientos* e de *reconhecimentos* não necessariamente processados por meios racionais e empíricos. Tais revelações podem ocorrer ou decorrer de processos mentais objetivos ou subjetivos, que correspondam aos efeitos de fenômenos naturais ou de fatos artificialmente provocados por processos voluntários ou involuntários da mente humana.

Quando nos referimos aos mitos e ao que é mítico observamos que está implícita a idéia de alguma personagem em que se reconhecem poderes divinos e sobrenaturais. Podem ser divindades ou heróis, mas sempre situados nas categorias de seres cujos poderes excedem os que são atributos da espécie humana.

Em todos os mitos há sempre uma relação entre um ser divino, heróico, demoníaco ou angelical, e outros seres que podem ser de natureza humana ou extra humana. O mito sempre diz respeito a seres e relações que excede o que o ser humano supõe ser normal. Os mitos fazem parte da competência e capacidade humanas em projetar forças e valores para alguém ou além de suas possibilidades naturais, atribuindo as determinadas personagens poderes superiores aos que correspondem aos da natureza humana.

Quando se faz referência a mitos está necessariamente incluída na relação alguma idéia de divindade ou de algum herói, da mesma forma que quando se fala em fábulas está implicada a presença, na história, de animais e outros seres animados.

O significado aportado pelo adjetivo sagrado tem estreita relação com os significados contidos nos verbetes mítico e místico. Os monoteístas revelam sua crença mística em um Deus Supremo e Único. Os politeístas consideram e projetam suas crenças em uma pluralidade de deuses e deusas. O exemplo clássico de politeísmo é revelado pela História Antiga, tanto na Grécia Clássica como entre os romanos.

O misticismo gnóstico admite a possibilidade real da comunicação e revelação de Deus para o ser humano ainda vivo, lúcido e consciente. Para os agnósticos essa crença é infundada. Alguns destes, mesmo sendo crentes, devotos ou religiosos, acreditam que a revelação direta de Deus para o ser humano só ocorrerá após a morte. Para os gnósticos, Deus é revelado como o Senhor do Conhecimento, Deus da Sabedoria e do Entendimento. Há agnósticos místicos que acreditam em deuses, mas não na possibilidade de sua revelação aos seres humanos enquanto ainda viventes no planeta, e há agnósticos ateus, que não crêem em divindades de qualquer natureza.

*Tem-se por certo que toda doutrina é respaldada em crenças. Designamos doutrinas religiosas as que têm alicerces no misticismo religioso. Doutrinas políticas são as que têm fundamento em crenças políticas, filosóficas ou sociológicas e são movidas e alimentadas pelo interesse público ou coletivo. As doutrinas de fundamento místico se revelam por tendências que se apóiam nos sentimentos e, mais notadamente, sobre os caminhos desvinculados dos imperativos racionais.*

*André LALANDE<sup>3</sup> ensina que misticismo se refere-se à crença na possibilidade de uma união íntima do espírito humano ao princípio fundamental do ser, união constituindo por sua vez um modo de existência e um modo de conhecimentos estrangeiros e superiores à existência e ao conhecimento normais e ao conjunto de disposições afetivas, intelectuais e morais que se prendem a essa crença. Faz menção ao êxtase como sendo o fenômeno essencial do misticismo. O substantivo feminino Mística designa o conjunto de práticas que conduzem ao estado de êxtase.*

*Por muitos o misticismo é aceito, juntamente com o racionalismo, o empirismo e o pragmatismo, como um de quatro métodos filosóficos. Segundo o ecletismo<sup>4</sup>, tais métodos têm-se sucedido em ciclos na história do pensamento humano. Muitos acreditam que o progresso da reflexão filosófica tem por objetivo conciliar e compatibilizar cada vez mais tais métodos. Outros designam esses métodos fundamentais como sistemas de pensar. Há ainda os que os entendem como caminhos em que coexistem níveis de realidade pelos quais estimuladas as formas de percepção. Por método, convém repetir, entenda-se o caminho ou a trilha que possibilita os avanços do procedimento intelectual. A classificação dos métodos parte de parâmetros que marcam as formas de pensar participando, assim, dos demais processos de ordenação do conhecimento. Da mesma maneira que, seguindo por uma trilha, podemos andar, correr, perambular lenta ou pausadamente, também pelos métodos podemos seguir analítica ou sinteticamente, indutiva ou dedutivamente, deitando olhares pelo horizonte que se amplia sinalizando o macrocosmo, ou podemos atentar para as pequenas coisas, enfocando os pormenores que induzem à*

---

<sup>3</sup> LALANDE, André. *Vocabulaire technique et critique de la Philosophie*. Paris: Quadrige-Presses Universitaires, 1997.

<sup>4</sup> *Ecletismo*. Conjunto de formas de pensar integrado por elementos doutrinários emprestados a diferentes escolas filosóficas, que permite a inclusão, de forma compreensiva, de novos elementos ideológicos, doutrinários ou crenças. (N. do A.).

*idéia de microcosmo. Podemos caminhar mirando nuvens ou beijando flores. Podemos processar pensamentos de natureza mística por indução ou dedução, por implicações ou contingenciamentos. Importa entender o misticismo, enquanto método, como expressão de um nível de realidade, não como sistema de pensar. De fato, o misticismo corresponde a um conjunto de parâmetros indutores de formas de pensar e abordagens, que não estão sujeitos ao que supomos ser racionalmente demonstrável ou empiricamente verificável<sup>5</sup>.*

O que se supõe como conhecimento gerado no misticismo pode ou não ser verdadeiro. A partir da usual falta de possibilidade de repetição da observação em dos fenômenos místicos em laboratórios ou em campos abertos de experimentação, o que é designado por conhecimento místico não é nem se torna reconhecível como falso nem como verdadeiro por implicações racionais, mas somente merece credibilidade por quem, subjetivamente, acredita serem verdadeiras as *revelações* em que esse conhecimento tem origem,

Assim, não se pode dizer que o *misticismo* seja atributo essencial de um *sistema cognitivo*, mas, identificando-o como o *nível de realidade* em que se vê situado o observador, por ele são acolhidas como válidas determinadas formas de pensar. Portanto, *misticismo* designa, de fato, um *método cognitivo*.

*Sistema de pensar é locução verbal que designa o conjunto ordenado de enunciados referentes a relações causa-efeito ou de expressões antecedente-conseqüente. Em tais expressões podem ser reconhecidos conjuntos de elementos identificados em atividades teóricas ou práticas, de qualquer amplitude ou dimensão. Há grande número de sistemas utilizados e estudados em várias disciplinas e nos mais diversos campos do conhecimento.*

*Misticismo* refere-se, enquanto nível de realidade, a um *método*. Não deve ser considerado *sistema*, pois não é um conjunto de regras ou de atividades, mas tão somente refere-se a sinais e marcos que auxiliam nos percursos do conhecimento.

Platão ensinava que o ser humano *deve evitar converter-se em um misólogo* (*μισολογον*), *ou seja, deve evitar tornar-se uma pessoa que odeia a razão<sup>6</sup>.*

O *misticismo* (oriundo de *mystico*), usa marcos deixados pelas raízes da experiência mental das sociedades humana, via da qual a mente dos seres humanos humana cultiva parte de sua existência em um nível de realidade peculiar. Pode-se observar que, nesse nível de realidade, a memória coletiva é alimentada por infindáveis histórias, fatos e lendas. Sem medo de errar pode-se dizer que todos somos místicos (*mysticos*).

O *misticismo metodológico* procura entender os mistérios alimentados há milênios pela mente humana, induzindo a espera de revelações que farão esses mistérios se tornarem verdades reconhecíveis enquanto tais. Propicia crenças na existência de verdades relativas e de verdades em si mesmas, no reconhecimento de verdades contingentes e de verdades necessárias.

A religiosidade tomar corpo quando as comunidades humanas, na busca de caminhos para alcançar as revelações, enunciam regras e elegem rituais peculiares via dos quais procuram adaptar suas formas de percepção racionais e empíricas às crenças que, muitas vezes, lhes são *impostas* por usos, costumes e tradições.

Assim, as peregrinações religiosas que buscam revelações e o desfazimento dos mistérios dão colorido indefinido aos contornos dos fenômenos cognitivos. Nesses roteiros, uns se lançam às aventuras místicas pelos campos do conhecimento dando-se por satisfeitos no exercício de razões místicas; outros se têm por completos nas práticas litúrgicas, e ainda, outros mais, se realizam tendo por fundamento a crença de que a experiência mística

---

<sup>5</sup> KORTE, G. *Metodologia e Transdisciplinaridade*. São Paulo: Ed. Juarez de Oliveira, 2006.

<sup>6</sup> Platão. *Fédon*, 89D.

culminante só pode ocorrer pela apreensão do conhecimento como um todo único, complexo, ilimitado e sagrado. Dentre estes últimos se destacam os chamados gnósticos.

#### 4 - Mistério<sup>7</sup>

Nas práticas científicas e religiosas é usual falar-se na existência de mistérios. Também nos contos policiais, nas novelas e nos enredos das obras literárias a possibilidade de solução dos mistérios prende e a atenção e gera suspense. De fato, pode-se observar que a natureza humana sente-se atraída e impulsionada pela vontade de revelar *mistérios*.

Em sentido restrito, o verbete mistério significa um conjunto de elementos doutrinários e religiosos, aberto tão somente aos que pretendem encaminhar suas vidas nas práticas religiosas ou até mesmo científicas. Entendidos como verdades não reveladas, os mistérios atraem também por que sua revelação é prometida somente aos iniciados, referindo-se geralmente a estes como sendo os que se dedicam às práticas do conhecimento emoldurado por certos rituais. Mistério serve como designativo, em outro nível de entendimento, do conhecimento não revelado senão a alguns poucos, que se torna objeto de fé ou dogma religioso.

Em outra extensão, mistério aporta o significado oculto daquilo que a inteligência humana é incapaz de justificar pelas abstrações da razão ou pelas vias da experiência sensorial. Na observação de conjuntos de coisas, seres ou pessoas, também é designado mistério aquilo que não está claro ou não é acessível ao senso comum. O significado retrata, nesse sentido, o elemento oculto, não revelado, total ou parcialmente obscuro, que aparenta ser contraditório ou contrário aos pressupostos do conhecimento. É a crença que nos desconcerta por que se opõe à razão. Refere-se por vezes a segredos ou enigmas, aportando ainda a idéia de sagrado. Mistério é também o designativo para o que não tem nem encontra explicação em face dos parâmetros normais, ou seja, o que se manifesta estranho e imponderável.

A expressão latina *mysteria facere* corresponde a celebrar os mistérios de Ceres<sup>8</sup>. Misteriosa é a observação inexplicada pela razão ou pela experiência, que também é dita envolta em mistério. Diz-se que procede misteriosamente aquele que age em sigilo, segredo ou obscuridade. Misteriosa é a prática de fazer segredo das coisas ou dos procedimentos. Os romances policiais, como obras literárias de ficção, são misteriosos na medida em que tratam de acontecimentos enigmáticos cuja solução decorra de situações a serem desvendadas. Misteriosa é a questão difícil e obscura. Mistério é também a concepção de uma verdade religiosa trazida por revelação divina.

O senso comum designa percurso misterioso como sendo a passagem por redutos ou lugares de características não pré-especificadas, tidos como secretos ou conhecidos de poucos.

---

<sup>7</sup> Na Idade Média, mistério designava a composição teatral da Idade Média, que tinha por tema algum episódio bíblico ou que era referente à vida dos santos. A narrativa ou apresentação fazia-se acompanhar de musicalidades instrumentais ou vocalizadas, tais como intermédios, baladas ou canções entoadas por solos, ou coros. Nas práticas litúrgicas da Igreja Católica Romana, mistérios referem-se a cada um dos 15 grupos de 10 ave-marias e um padre-nosso de que se compõe um rosário. Mistérios dolorosos comemoram a oração no Horto e os sofrimentos de Cristo até o Calvário. Mistérios gloriosos referem-se à Ressurreição, a Ascensão do Senhor, ao Pentecostes, à Assunção e à Coroação da Virgem. Mistérios gozosos dizem respeito à Encarnação, à Visitação, à Purificação e ao encontro do Menino. Na Idade Média, mistério era a designação dada a peças teatrais e obras literárias cujo tema era religioso e onde ocorria a intervenção de santos, divindades e demônios. Também é designado mistério o conjunto de doutrinas secretas e de ritos iniciáticos que levam à salvação<sup>7</sup>. Na tradição religiosa dos que professam o cristianismo, mistério corresponde ao conteúdo do que é: a) desígnio divino na história do mundo, especialmente sobre a salvação, manifestado no tempo e b) a doutrina cristã sobre Deus, Suas ações e por isso, refere-se ao que é considerado Sagrado. Em antigas práticas culinárias da tradição luso-brasileira, mistério designava uma sobremesa constituída de creme gelado com merengue e praliné. Na origem da palavra mistério há uma conotação direta entre práticas ritualísticas e religiosas, reservadas aos iniciados ou a alguns poucos privilegiados, designando o que nem é difundido nem tornado público dentro da liturgia<sup>7</sup> ou nos ritos e rituais. No latim a palavra *mysta* ou *mystes*, indica aquele que é iniciado nos mistérios.

<sup>8</sup> Ceres - Deusa romana da fertilidade e das colheitas, que na tradição grega corresponde a Demétria (Demeter), personagem essencial nos mistérios de Elêusis. (Vide pormenores às páginas 201 a 205 de *O Roteiro Mágico de Pitágoras*. KORTE, Gustavo. São Paulo: Ed. Peirópolis, 1999).

## 5 – Estados de consciência no misticismo e na revelação dos mistérios.

Uma força poderosa emerge das idéias contidas nas palavras expressas quer via de linguagem escrita ou falada. Essa força transcende o tempo de vida dos seres humanos. O conteúdo das mensagens idiomáticas projeta-se de maneira linear nos gráficos das vidas, rompendo as barreiras e os limites de espaço, tempo, matéria e energia. Ajustam-se os pontos de aplicação dessa força de comunicação transcendental a fenômenos eletromagnéticos e a dimensões não definidas dentro do que é designado Universo.

O misticismo, os mistérios e a palavra estão, pela natureza comum que os relaciona, intimamente interligados. Os que se dedicam aos estudos da Lingüística e da Simbologia reconhecem a interligação<sup>9</sup> entre a força da palavra e os mistérios. Essa realidade é aceita enquanto afeta os sentidos e as formas de percepção. Além do que recebemos, pela tradição mística de nossos ancestrais, que a relação de força contida na palavra tem origem divina, na medida em que tem origem no Verbo enquanto Logos (idéia), revelado pelo Evangelho segundo João como sendo o próprio Deus.

A etimologia ensina que o verbete *palavra* traduz o significado do verbete grego *logos*, e traz da Antigüidade Clássica o significado da *idéia contida no designativo*. Ou seja, identifica o ser, a ação, a entidade, as qualidades, as ligações e as dependências do que é expresso com o que se relaciona. *Logos*, enquanto palavra e designativo, deve corresponder à potência de revelar o ser, a qualidade, o movimento, o estado ou a ação a que se refere, independentemente do idioma em que é expressa.

Peirce distingue três elementos no processo de conscientização: *sentimentos*, com o significado de elementos de compreensão; *esforços*, como elementos dinâmicos que dimensionam a extensão; e *noções*, como elementos que informam as relações entre compreensão e extensão.

Há milhares de anos o ser humano ensaia buscas para desvendar os meios de prever o futuro. Nesses milênios procurou contatar forças tidas por misteriosas que, agindo nos campos do conhecimento, restam envoltas nas brumas do não revelado.

Os estudiosos das ciências humanas têm procurado identificar entre tribos e nações, vínculos de forças físicas, morais, culturais e espirituais, cuja intensidade, direção e sentido não tem conseguido definir ou dimensionar. Recorrem à decifração de idiomas, sinais gráficos e variadas formas de escrita. Codificam formas de pensar e de comunicação. Estabelecem padrões visando determinar o curso do tempo. Assinalam períodos em que situam as supostas verdades retrógradas referidas por Bergson<sup>10</sup>. Projetam, nessa busca, os movimentos dos astros mais próximos, trazendo-os como entidades dominantes figuradas nos Signos do Zodíaco<sup>11</sup>. Avança no infinitamente pequeno e projetam-se para o infinitamente grande. Nesse processo de seleção intelectual assimilam crenças e esboçam justificações.

O ser humano propõe-se acreditar que, via desse processo de pensar contínuo tem alcançado progressos e desvelado mistérios. Esse arcabouço de estrutura mística sobre o qual o intelecto humano trabalha e produz, cria e destrói, está vivo e em contínuo processar de movimentos, mediante ajuste de informações e de experiências.

Os mecanismos que movimentam e animam o pensar humano seguem normas e regras próprias que, por algum meio não totalmente identificado, responde por sinais codificados em campos de memória que transcendem os estados de consciência. Tais mecanismos excitam, evocam e transportam por sinais gráficos ou sonoros quer idéias quer imagens. A comunicação deixa o nível abstrato em que ocorre o místico e se materializa por meio da realidade empírica.

<sup>9</sup> Charles Peirce, Sigmund Freud, Carl Jung, Heidegger, Wittgenstein e tantos mais.

<sup>10</sup> BERGSON, Henri. *Oeuvres. L'âme et le corps*. Paris:Pléiade. 1963, p. 836 e seguintes.

<sup>11</sup> A formulação dos *Signos do Zodíaco* tem origem nas culturas mesopotâmicas. É, por alguns, atribuída a Zoroastro (também chamado Zaratustra). Zoroastro, segundo alguns historiadores, teria vivido cerca de 5.000 a.C. e, conforme outros, por volta de 600 a.C.

Muitas vezes, guiados pela intuição e recorrendo ao misticismo que nos é inerente, queremos alcançar a Verdade. Procuramos localizá-la em algum lugar do Universo ou encontrar algum ponto válido que nos sirva como referência. Recebemos esse impulso, cuja origem desconhecida nos projeta na busca de aventuras audaciosas, tanto pelo mundo físico quanto pelos espaços imaginários, e, por sua ação dinâmica, firmamos concepções, referentes ao abstrato e ao concreto, e formulamos construções hipotéticas meramente intelectivas.

O objetivo mais próximo é, em geral, identificado pelo conjunto de símbolos memorizados ao longo da existência, no limitado contexto de idiomas, imagens, palavras e linguagens. Nesse repertório estão contidos os pontos de luz que anunciam as incontáveis possibilidades oferecidas pelo conhecimento discursivo, e, inclusive, a existência de uma suposta linguagem comum fundamental, perdida ao longo de evoluções e involuções sugeridas pela história da civilização.

A eficácia da linguagem condiciona a memória humana, levando-a a registrar seus dados nos bancos da História. A memória das pessoas torna-se, então, contida nos campos eletromagnéticos cuja central de atuação está no cérebro.

Nas projeções mais simplificadas, as linguagens escritas, quer tenham sido gravadas em papel ou pedra, integram conjuntos de noções em que, memorizados, documentados e reconhecíveis, a humanidade tem registrado o que lhe parece mais significativo e importante. Faz parte da atividade humana buscar nos sinais tanto o que pode ser reconhecido e comunicado como tornar esse significado acessível às gerações atuais e posteriores.

Sinais imprecisos, tanto como linguagens imperfeitas ou incompletas, suscitam mistérios. E, por essa razão, muitas vezes, tais sinais são reproduzidos pelo misticismo, que toma a si a incumbência de retransmiti-los, revelá-los ou, por vezes, até mesmo torná-los obscuros e inexplicáveis pela razão.

Na realidade, quando nos aproximamos das questões referentes à precisão da linguagem visando apurar o significado contido nas expressões verbais, podemos adjetivar de *misteriosa a interferência teórica da inteligência emocional*.

Recentes teorias sugerem contribuições decisivas das relações neurofisiológicas nas decisões, atitudes, ações e reações humanas.

Percorrendo essa linha de pensar, Daniel GOLEMAN, ao tratar da escala evolutiva da inteligência, entende que:

*... Com o advento dos primeiros mamíferos vieram novas e decisivas camadas (de células) chave do cérebro emocional. Estas, em torno do tronco cerebral, lembravam um pouco um pastel com um pedaço mordido embaixo, no lugar em que se encaixa o tronco cerebral. Como essa parte do cérebro cerca o tronco cerebral e limita-se com ele, era chamada de tronco "límbico", de limbos, palavra latina que significa "orla". Esse novo território neural acrescentou emoções propriamente ditas ao repertório do cérebro. Quando estamos sob o domínio de anseios ou fúria, perdidamente apaixonados ou transidos de pavor, é o sistema límbico que nos tem em seu poder. À medida que evoluía, o sistema límbico foi aperfeiçoando duas poderosas ferramentas: a aprendizagem e a memória. Esses avanços revolucionários possibilitavam que um animal fosse muito mais esperto<sup>12</sup> nas opções de sobrevivência e aprimorasse suas respostas para adaptar-se a exigências cambiantes, em vez de ter reações invariáveis e automáticas<sup>13</sup>...*

W. PEPPEREL-MONTAGUE afirma que o ... *misticismo é a teoria que sustenta que a verdade pode ser alcançada por certa faculdade de intuição, superior a nossa razão e sentidos.*

---

<sup>12</sup> A expressão *mais esperto* suscita diferentes sinais quanto ao conteúdo. *Expertus, a, um* pertence à categoria gramatical dos adjetivos latinos, de 1.ª classe. Deu em português o adjetivo *esperto*, carregando vários significados: *que tem experiência, que experimentou, que ensaiou*. Traz o sinal de *atento, inteligente, fino, arguto, enérgico, ativo, vivo*. Mas é usado também com significado pejorativo, como *espertalhão*, aquele que age por fora ou acima das regras, aproveitando-se de vantagens além das usuais.

<sup>13</sup> GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 72.ª ed. s/d. p. 25.

Destarte, parece-nos justo afirmar que misticismo contém o significado de doutrina, teoria, procissão que encaminha as celebrações religiosas induzindo os crentes para o encontro da Verdade. Conseqüentemente, deve ser entendido como método de abordagem ou aquisição de informações ou conhecimentos.

Mas, também, pode-se entender o misticismo como um *nível de realidade intelectual* em que se processam crenças e conhecimentos que não encontram viabilidade nem coerência com pensamentos formulados em outros níveis de realidade tais como o racional e o empírico.

O misticismo, como método que lida e trabalha com o que ainda nos é desconhecido, torna-se importante em relação às crenças que lhe são reportadas. Sabemos que nada sabemos. portanto, diante de nossas formas de pensar, tudo é passível de dúvida enquanto parece misterioso. Sabemos que o conhecimento está sempre envolto em mistérios e que jamais podem ser adotadas como absolutas quaisquer informações. Daí porque nos sentimos à vontade em afirmar que, antes de tomar por válida qualquer informação de origem racional ou empírica, nos a relacionamos a alguma de nossas crenças. E estas, sempre, tem um enredo místico, daquilo que não foi revelado pela razão pura nem pela razão prática.

Também nos parece óbvio que todas as informações são relativas e sujeitas à temporalidade.

Mesmo o suposto *conhecimento científico*, definido como *crença verdadeira e justificada*, adjetiva o substantivo *crença*, reduzindo-lhe o significado a, pelo menos, quatro possibilidades, a saber: 1) crença verdadeira; 2) crença falsa, 3) crença justificada e 4) crença não justificada.

O misticismo lida com crenças que supõe verdadeiras, mas que não são justificadas à luz da lógica formal ou dos métodos em que estão fundamentadas as ciências empíricas.

Nos campos do conhecimento existem mistérios a serem clareados e nuvens a serem desfeitas: ocorrem dúvidas decorrentes da nossa deficiência sensitiva e suspeitas acerca da nossa capacidade em obter mais resultados a partir das formas de percepção empíricas e racionais.

Suscita-se, entretanto, a possibilidade de que o conhecimento assimilado pelo misticismo, quando se reporta ao Sagrado, tenha a mesma validade que o alcançado pelos demais métodos.

A humildade, que caracteriza a ação transdisciplinar, nos leva acreditar, com Sócrates, que *somos sábios porque sabemos que nada sabemos*. A partir desta crença, podemos aceitar que o misticismo faz parte e é indispensável à cadeia do conhecimento.

## **6 – A tradição compilada no hermetismo egípcio**

Levando em conta que os documentos de conteúdo histórico mais antigos de que temos notícia nos chegaram, a partir da Pedra Roseta, pela decifração dos hieróglifos em relação à língua grega e à escrita demótica, remontam à história do Egito, daremos início à nossa abordagem a partir do que coletamos sobre as raízes egípcias do gnosticismo.

## **7 – A busca da libertação pelo misticismo judaico**

De fato, a história sugere que, diante dos Judeus e do Sinédrio, a grande decepção causada pelo messianismo cristão foi de que Jesus, como o esperado libertador, não se tenha

apresentado com a força de uma liderança política e militar que redimisse e livrasse o povo judeu do domínio romano.

*Sinédrion* era a designação dada à mais alta câmara governativa do estado teocrático judaico, regida por um sumo sacerdote, que teve seu apogeu entre os séculos III a . C. e o ano 70 da era cristã. Era integrado por setenta membros, analogamente aos setenta inicialmente nomeados por Moisés, que constituíam a assembléia governativa..

A promessa histórica que fazia alusão ao Messias, consistia no aparecimento de um líder, enviado por Jeová, munido de capacidade e força política-militar para reconquistar a soberania do povo judeu, impondo-a aos seus vizinhos.

Não é difícil, portanto, entender que, nos primórdios do cristianismo, os oprimidos, não só judeus, também de outras nacionalidades, se tivessem tornado seara fértil aos que prometiam a libertação eterna de quaisquer jugos que não os do Deus Supremo, eis que só d'Ele poderia partir o milagre de saírem vitoriosos diante das legiões romanas.

A multiplicidade de crenças e culturas que coexistiam com o monoteísmo judeu dava ensejo a um mosaico de argumentos e mensagens que emergiam por diferentes caminhos do conhecimento.

Enraizado no *misticismo* natural da mitologia hebraica, o judaísmo se apoiava no *autoritarismo* atribuído aos livros da Torá, considerados sagrados, e que, por isso, não deviam ser objeto de dúvidas, rasuras ou emendas. Ou seja, autoritarismo e misticismo estavam, nessa época e por essas tradições, estreitamente vinculados um ao outro.

Torá é a coletânea integrada no Pentateuco, consubstanciada nos cinco primeiros livros do Velho Testamento, supostamente redigidos por Moisés sob ordem de Jeová. Fazem também parte do Velho Testamento outros escritos, de conteúdo mítico, histórico, mandamental e profético, essencialmente reportados às origens e experiências do povo hebreu. Tor4ah ou Thorá significa também *doutrina*.

A associação da cultura grega à romana, impregnada de filosofia e misticismo, também aportou um conteúdo *pragmático* tendo por objetivo manter o jugo sobre as nacionalidades, enquanto eram respeitadas nas suas características mítico-culturais. A herança greco-romana contribuiu e deu reforço às crenças e informações formadoras dos processos de conhecimento lastreados nos marcos do *misticismo, autoritarismo, pragmatismo, racionalismo, empirismo e ceticismo*.

O *pragmatismo* geopolítico permeou-se de *racionalismo, empirismo e ceticismo*. Tais caminhos para o conhecimento ofereceram a possibilidade de encadear, compatibilizar e tornar coerentes muitas crenças e doutrinas. Revelava-se, simultaneamente a tais procedimentos, a *necessidade* dos povos subjugados admitirem e cultivarem a *amorosidade* por meio de *mensagens e ações amorosas*, induzindo, ao aparecimento das *revelações intuitivas*, sobretudo, as de natureza *mística*.

Essas *revelações* foram, em alguns casos históricos, acrescidas às heranças culturais de diferentes comunidades, fazendo-se respeitadas e ajustadas aos usos, costumes e tradições que lhes eram próprias. Algumas delas se revestiram de tanta força social que vieram a constituir religiões apoiadas em complexos conjuntos de crenças. Os caminhos místicos que sobreviveram à essa multiplicidade de correntes de pensamentos deram origem às religiões da atualidade.

Assim, por razões históricas comuns, são facilmente reconhecíveis muitas religiões e seitas, tanto as cronologicamente anteriores ao cristianismo como as mais recentes, de fundamento zoroastriano (mazdeísta ou zurvanista), budista, hinduísta, judaico, islâmico ou cristão.

Alguns desconhecem a força social contida no Budismo, no Judaísmo, no Hinduísmo, no Taoísmo, no Confucionismo, no Zoroastrismo, no Cristianismo e Islamismo. Outros fazem por ignorar as religiões que ainda sobrevivem nos cenários geopolíticos da África, Ásia, Oceania e Américas, cujas raízes se irradiam por toda a comunidade global, sem subserviência às fronteiras geopolíticas ou culturais dominantes.

A partir do século I da era cristã, historiadores e estrategistas interessados no exercício do poder político-social, desenvolveram formas de percepção mais ajustadas e facilitadoras da compreensão dos fenômenos nacionais em cada uma das regiões dominadas.

Diz-se que nada é novo na Filosofia. Também as formas de percepção que têm por objeto o acesso ao exercício do poder foram estudadas por chineses, e hindus, babilônios, persas, hebreus, egípcios, macedônios, gregos e romanos.

Aos observadores da história fica óbvio que a concentração de poder, seja de ordem moral, econômica ou política, só pode se consolidar mediante a adoção das práticas religiosas, muitas vezes impostas pelos dominantes aos dominados. Em outras palavras, o *misticismo* servia como fator *necessário e indispensável* na consolidação das conquistas.

A partir desse entendimento, observa-se que as práticas religiosas comunitárias sinalizam a existência de um substrato de força transcendental à matéria, para não usarmos o verbete sobrenatural, e que atuava, ainda que fosse provisoriamente, em favor dos detentores do poder político. Nesse tempo, o *misticismo* é assumido como um dos caminhos para a conquista de qualquer poder, seja ele econômico, político, social ou militar, não mais se limitando aos objetivos transcendentais genéricos com que sempre foram adjetivadas as práticas religiosas.

Importa, neste momento, ter presentes esses aspectos sócio-históricos para que se possa entender o esforço humano. Este passa a dedicar-se, em alguns núcleos sociais, ao recebimento de *revelações* que possam servir como elemento aglutinador de grupos e comunidades. Para essa função, a força das lideranças alimenta crenças e manifestações de submissão a ordenações místicas, enquanto, na prática, objetiva a conquista de poderes político, econômico, social e militar. O *misticismo* natural passa a servir ao *pragmatismo racional* das lideranças.

### **As novas mensagens: cristianismo, gnosticismo e cabala.**

Inicialmente o cristianismo é difundido entre os judeus. Os adeptos e crentes que assimilaram, junto à fonte, a mensagem fundamental do cristianismo, são, basicamente, reportados ao Torá, aos profetas, à tradição e aos escritos judaicos. O acolhimento da mensagem lhes é mais acessível porque confirma a tradição místico-religiosa do povo hebreu, e, ao mesmo tempo, promete uma *nova oportunidade de vida*, a partir do momento em que ocorre a conversão. Por esta, os fiéis se apegam à crença na ressurreição e na eternidade, onde lhes será conferida a liberdade e os prazeres de uma vida sem encargos materiais ou políticos. Para os que aceitam o cristianismo, este se mostra meio de libertação rápida e fácil, em que se pode deixar de lado a realidade opressiva, limitante, e desconfortável. As exigências da vida, quando impregnadas da materialidade, subjagam e roubam tanto a auto-estima como as possibilidades de uma vida tranqüila e satisfativa em si mesma. Pela nova mensagem os seres humanos são entendidos pelo seu valor em si, que lhes é reconhecido pelo Pai Criador e não

mais pela sociedade dominadora. A esperança se projeta para todas as direções e espaços em que o futuro é proposto. O cristianismo é apresentado como o modelo de vida dirigido à supressão das dores do corpo e libertação das almas.

As pessoas têm possibilidade de encontrar, falar e perceber o Criador enquanto vivas e em estado de consciência. Muitos esperam esse encontro para vivenciar o *êxtase gnóstico*. Basta entregar-se ao cultivo da *religião* e ao *conhecimento de si mesmo*, que, cumprindo rigorosamente certos rituais tidos por sagrados, em estado de consciência e humildade, de ascetismo e com devoção o *êxtase gnóstico* ocorrerá, possivelmente, no ensejando de alguma *revelação*.

Os induzimentos psico-emocionais podem levar às revelações. Sinceras ou não, elas atraem até mesmo os olhares dos céticos. Os que recebem as mensagens ora são tratados com respeito, ora com escárnio. Por vezes, tornam-se líderes de movimentos e procissões. Em outras oportunidades, são induzidos ao exílio ou marginalizados.

Os cenários construídos pelas novas crenças para aceitação do sobrenatural parecem facilitar o que vai ocorrer, ou seja, milagres, magias, mitos e especulações de toda ordem que se tornam experiências sensíveis difundidas como *revelações*.

Ao observador histórico parecem similares os resultados se comparados entre si o *êxtase dionísíaco*, o *êxtase órfico* e o *êxtase gnóstico*.

Os *gnósticos* anunciam o despertar de novos movimentos, novas idéias, novas revelações. As crenças se ajustam e passam a atender às exigências dos processos cognitivos.

Nas mensagens de Paulo, seguido pelos primeiros padres gregos, o cristianismo se racionaliza nos moldes da cultura grega. Paulo de Tarso desenvolve sua pregação por um tecido cujos fios são colhidos do misticismo, do racionalismo e do racionalismo, reconhecendo simultaneamente a autoridade dos escritos religiosos do judaísmo. De fato, o cristianismo, agora pregado entre os estrangeiros, é um neo-judaísmo que deixa de lado o sionismo e procura, com novas mensagens, dominar o que transcendente à materialidade do corpo humano: tem por objeto conquistar a mente, a alma e o espírito.

Dentro outros temas metafísicos, os primeiros padres gregos procuraram distinguir conceitualmente o corpo da alma e, esta, do espírito.

Os campos do intelecto, nesse histórico período do desenvolvimento humano, são invadidos por um *misticismo* cujos marcos se confundem com o *racionalismo* exigível no discurso e com as percepções suscitadas pelas *experiências sensoriais*, ou seja, pelo *empirismo*.

**7 - As informações oriundas da mesopotâmica**

**8 - As origens e fontes entre medos e persas**

**9 - Os fenômenos ocorridos no séc. VI a.C. na Índia**

**10 - As informações originadas da China**

**11 - A cultura grega a partir do séc. IX a.C.**

## 12 - Fontes originais africanas

## 13 - O que nos chega da América pré-colombiana

## 14 – As culturas oceânicas e suas projeções no ocidente: Austrália, Nova Zelândia, Polinésia, Micronésia e Melanésia

## 15 – A etimologia da Gnose

A abordagem etimológica do verbete sugere, quanto à sua origem léxica, algumas possibilidades. Do idioma grego traz a idéia de conhecimento. E, nos escritos do Novo Testamento, passa a significar também sabedoria e ciência.

Ocorre observar que no esoterismo a presença da letra *g* ligada a *nous* sinaliza com a idéia de conhecer com Deus, ou seja, ter a experiência cognitiva, portanto, em estado de consciência, na *presença ou em ligação com o Sagrado*. Também não se pode deixar de lado a conotação de que sinaliza com a idéia de saber pelo Sagrado, ou seja, mediante a revelação dos mistérios contidos naquilo que é Sagrado, que é conservado oculto pelas divindades.

“*Nosis*” tem similaridade gráfica com o verbete latino *nosco, is, vi, tum, ere*, que no latim clássico aporta o mesmo significado de *gnosco*, traduzindo a idéia de *conhecer, ter conhecimento, reconhecer*. Como verbo incoativo, significa também *começar a conhecer*, o que sugere *conhecer pela origem*. Para alguns, a palavra *gnose* tem caráter absoluto e seu significado se refere à idéia de *conhecimento perfeito*. Também o verbete grego *noos* sinaliza com idéia análoga, ou seja, a designada por *mente*, visando significar também o conjunto de fenômenos mentais.

De nossa parte, somos levados a crer que *gnose* sinaliza o *encontro com o Sagrado por meio do conhecimento*, ou seja, via das formas de percepção empíricas conscientizadas pelo *nous*, ou seja, do *conhecimento do Sagrado assimilado via das experiências sensíveis*.

Aos religiosos, portanto, mais vinculados às crenças místicas, *gnose* é expressão do êxtase místico em que Deus se revela ao ser humano enquanto em *estado de consciência, lúcido e atento*, enquanto senhor e detentor de suas formas de percepção de natureza sensorial.

Restringindo-nos aos limites desta abordagem, acreditamos que o designativo *gnosticismo* serve a diversas tendências presentes nos campos conhecimento, tanto do *mítico* como do que é *místico*.

Identificar e relacionar todas as diversas doutrinas e expressões do *gnosticismo* é trabalho cuja extensão e acuidade foge dos nossos objetivos. Daí que, acompanhando os escritos de Emil Amélineau (egiptólogo francês do séc. XIX) e Jean Doresse (historiador francês do séc. XX), com acréscimos de observações de outros estudiosos modernos da estirpe de Bentley Layton, André Lalande, W. Windelband e muitos outros, somos levados a ordenar nossas informações por considerações genéricas, que nos parecem comuns ao *gnosticismo*, situando-as cronologicamente ao longo de seis séculos, tanto nos três que antecedem o advento do cristianismo como nos três seguintes, até o Concílio de Nice.(Nicéia).

A ordem sugerida terá em vista: a) as fontes antigas e as recentemente descobertas; b) os documentos históricos; c) as origens do *gnosticismo* e das correntes *gnósticas*; d) as doutrinas; e) os conceitos e princípios ordenatórios; f) a

natureza e a constituição do corpo, alma, espírito e mente; g) a escatologia; h) a moral *gnóstica*; i) os rituais ; j) o proselitismo; k) a evolução do pensamento *gnóstico*: gregos, cristãos e romanos; l) perspectivas do *gnosticismo*.

## **17 - As fontes antigas e as recentes descobertas**

## **18 - Os documentos históricos**

## **19 - As origens do *gnosticismo* e das correntes *gnósticas***

### **20 - As correntes do *gnosticismo***

Seguindo a estrutura de alguns estudos sobre o *gnosticismo*, pode-se observar que, entre outras de menor significação, três correntes expressam, de forma genérica, as práticas e crenças *gnósticas*, a saber: a dos mágicos, a dos míticos e a dos especulativos.

### **21 - O *gnosticismo* mágico**

I - O *gnosticismo mágico* encontra em Simão, o Mago, seu maior intérprete. Reúne adeptos quando Simão afirma ser detentor de poderes milagrosos que lhe teriam sido conferidos por Cristo.

\*\*\*\*\*

### **22 - O *gnosticismo* mítico**

II - O *gnosticismo mítico* se desenvolve a partir de quatro conjuntos de crenças:

1) os *mandeístas*, de estreita ligação com os essênios, e que supostamente teriam dado origem ao Evangelho segundo João;

2) os *ofitas*, que se apegam mais à tradição egípcia amoldada aos princípios do cristianismo;

3) os *barbelo-gnósticos*, preocupados com a *sabedoria mítica e mitológica* e

4) os adeptos das revelações contidas na *Pistis Sophia*, supostamente redigida por volta do ano 130 da era cristã.

\*\*\*\*\*

### **23 - O *gnosticismo* especulativo**

III – O *gnosticismo especulativo*, caracterizado pelos escritos de: Basilides, Carpócrates, Valentino e Marcião.

\*\*\*\*\*

## **24 - As doutrinas**

A doutrina dos gnósticos, segundo André Lalande, recorre a um

... *ecletismo teosófico que pretende conciliar todas as religiões e explicar seu significado profundo por meio de um conhecimento esotérico e perfeito das coisas divinas (do grego γωσιζ), que se torna comunicável pela tradição e pela iniciação. O ensinamento proposto pelos diferentes gnósticos não é uniforme: seus dogmas comuns são apenas a emanção, a queda, a redenção, a*

*mediação exercida entre Deus e o ser humano por um grande número de potências celestiais (eons, do grego αἰώνες). Os eons são ordenados segundo uma hierarquia de espíritos descendentes do Princípio Supremo, concebido como sendo o Uno dos neo-platônicos. Também têm em comum crenças segundo as quais ao Princípio Supremo são subordinados tanto o Deus Criador do Velho Testamento, referido no Livro de Gênesis, como o Cristo dos evangelhos.*<sup>14</sup>

Wilhelm Windelband,(1848-1915, filósofo alemão neokantiano, em sua celebrada *História da Filosofia Antiga*, escreveu:

A comunidade pitagórica, que no curso do século IV a .C. perdeu o caráter de escola filosófica, ainda que, supostamente, tenha conservado. sempre o (caráter) dos mistérios e de uma norma de vida em consonância com os mesmos, ressurge com doutrinas filosóficas no último século anterior a nossa era: mas esta são de matiz essencialmente religioso e, durante os dois séculos seguintes , tais doutrinas são desenvolvidas em uma vasta literatura que, quase inteiramente, é repassada como obra de Pitágoras ou de outros pitagóricos mais antigos, especialmente de Arquitas. Entre os que representam essa tendência e que, por conseguinte,são chamados neopitagóricos, deve-se mencionar, em primeiro lugar a P. Nigídio Fígulo, amigo de Cícero, e a Socião, amigo dos Sextos, em seguida a Moderado de Gades e especialmente a Apolônio de Tiana; de época posterior são Nicômaco de Gerasa e Numenio de Apamea<sup>15</sup>.

Na seqüência, na mesma obra, Windelband transcreve observações de H. v. Arnim , que afirma:

Quase todo o platonismo dos século seguintes até o nascimento do neoplatonismo propriamente dito, se acha influenciado pelo neopitagorismo, e pouco importa, no fundo, que eeses filósofos tomem o nome de platônicos ou o de pitagóricos,que sejam platônicos pitagorizantes ou pitagóricos platonizantes. A maioria parte de uma ontologia transcendente, dualista e de uma doutrina metafísica dos princípios, pois seguem logo, na física e na cosmologia, os trilhos aristotélicos ou estóicos ( da mesma forma na lógica, quando se ocupam dela), para retornar à rota platônico-pitagórica em matéria de antropologia e psicologia, e terminar com uma ética transcendente, ascética, e exaltrando a vida pitagórica.

Assim, ainda segundo Windelband,

*... exatamente do mesmo modo que é possível observar nos antigos pitagóricos e em Platão, e que se apresenta nos estóicos em desenvolvimento sistemático, o neopitagorismo associa o monoteísmo ao fantástico culto de seus deuses inferiores e demônios, mas, com o auxílio da doutrina platônico-aristotélica, transforma o monoteísmo em adoração de Deus como Espírito Puro, a quem o ser humano deve servir não por exteriorização de oferendas e ações públicas, mas em espírito, em uma súplica sem palavras, com virtude e sabedoria*<sup>16</sup>.

Os gnósticos se caracterizam por um dualismo radical entre espírito e matéria, tendo o espírito como o princípio da luz, do bem, do que é puro e a matéria como sendo o que pertence às trevas, ao mal e ao impuro. Torna-se, assim, fácil identificar a afluência de tradições e raízes comuns originárias de zurvanistas, zoroastristas e judeus.

## **25- Os conceitos e princípios ordenatórios**

## **26 - A constituição dos seres humanos(corpo, alma, espírito e mente**

## **27 - A escatologia**

---

<sup>14</sup> LALANDE, André. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: Quadrige.,1997.

<sup>15</sup> WINDELBAND, W. *Historia de la filosofia antigua*. Buenos Aires: Nova.,s/d. p.180.

<sup>16</sup> ( *idem* p.181).

**28 - A moral gnóstica**

**29 - Os rituais**

**30 - O proselitismo**

**31 - A evolução do pensamento gnóstico: gregos, cristãos e romanos**

**32 - Perspectivas do gnosticismo moderno**